



7º Encontro Internacional de Política Social
14º Encontro Nacional de Política Social
Contrarreformas ou Revolução:
respostas ao capitalismo em crise
Vitória (ES, Brasil), 03- a 06 de junho de 2019

Eixo: Inserir aqui o eixo correspondente.

Memória e Família: perspectivas sobre pertencimento feminino

Resumo

Neste escrito buscaremos relatar a experiência em extensão universitária desenvolvida no âmbito do projeto “Unidas na diferença, trabalhando pela igualdade: ações socioeducativas por uma nova divisão sexual do trabalho” exercido pelo Grupo de Alunas Voluntárias de Extensão (GAVE) em colaboração com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do Cidade Satélite Íris em Campinas. Tal projeto compreendeu oficinas que articulavam o conceito de memória, família e pensar uma possibilidade de economia feminista para mulheres de regiões periféricas. Este material é fruto da oficina: A Vida é um Livro realizada em junho de 2018, desenvolvida em três partes, a exibição de um curta-metragem, a confecção do desenho de uma árvore e uma conversa sobre economia feminista.

Palavras-chave: memória; família; gênero; economia.

Memory and Family: perspectives on female belonging

Abstract

In this paper we will seek to report the experience in university extension developed within the scope of the project "United in difference, working for equality: socio-educational actions for a new sexual division of labor" carried out by the Group of Voluntary Extension Students (GAVE) Reference of Social Assistance (CRAS) of the Cidade Satélite Íris in Campinas. This project included workshops that articulated the concept of memory, family, and thinking about a possibility of feminist economics for women from peripheral regions. This material is the fruit of the workshop: Life is a book realized in June of 2018, developed in three parts, the exhibition of a short film, the making of the drawing of a tree and a conversation about feminist economics.

Keywords: memory; family, gender; economy.

MARCO TEÓRICO DE REFERÊNCIA EM CONGRUÊNCIA COM A TEMÁTICA DA EXPERIÊNCIA

Introdução e Desenvolvimento

O presente relato é fruto de uma parceria entre a PUC Campinas, através de sua atuação em extensão universitária com o CRAS Satélite Íris, localizado na região Noroeste de Campinas. Por meio do estabelecimento de uma relação cooperativa entre a docente que responde pelo projeto de extensão e sua equipe de alunas, com a assistente social* do CRAS, responsável pelo grupo de mulheres usuárias do serviço, tornou-se possível uma experiência rica em troca de saberes que tanto qualifica o atendimento da Assistência Social do município, quanto fornece à universidade uma oportunidade de aprimorar e visualizar seu conhecimento, sendo o objetivo central da extensão, a troca de saberes.

Como participantes do GAVE, grupo de alunos voluntários de extensão, tínhamos em mente antes mesmo de iniciar o projeto, o tema amplo ao qual trataríamos; os papéis sociais de gênero; e um desafio, idealizamos ser um grupo de mulheres, para mulheres e que estudam mulheres. Isso trabalhando também material teórico e prático com as mulheres do CRAS, o que chega a nós como uma realidade de mulheres muitas vezes semialfabetizadas ou não alfabetizadas, e outro ponto que para algumas delas, o único momento de diferenciação da rotina exaustiva cotidiana seriam esses encontros.

Em nosso imaginário haviam muitas expectativas sobre o trabalho em campo e a forma que seríamos acolhidas pelo CRAS, local que ocorreriam as atividades, mas principalmente pelas mulheres participantes, a ansiedade se mostrava presente até momentos antes do primeiro encontro efetivamente ocorrer, os cuidados com o como seria esse encontro foram muitos, desde a linguagem que seria utilizada até qual Oficina seria feita para possibilitar a participação de todas as mulheres.

O fruto de nosso trabalho deveria resultar em um material técnico científico, e escolhemos que ele se transformasse em um livro coletivo, que deu nome ao nosso trabalho geral “Caderno em prosa e verso: Mulheres organizadas reescrevendo o tempo” entrelaçando as diversas histórias ali presentes. A primeira oficina do GAVE foi pensada para trabalhar os conceitos de memória e família, temática chave de trabalho do grupo.

Como aquele seria o primeiro encontro do GAVE com as mulheres participantes do CRAS, além das formalidades das apresentações precisaríamos de algum modo nos aproximarmos e ganharmos confiança para que não vissem em nós algo

ameaçador ou algum tipo de desconforto pelo fato de sermos da universidade. Optamos então por sentarmos entre as mulheres em disposição de círculo, assim todas estariam em pé de igualdade e poderíamos olhar umas nos olhos das outras, não achamos que seria adequado as formalidades clássicas de apresentações para aquela ocasião ao qual não gostaríamos de ser consideradas destoantes do grupo pelo fato de termos acesso ao ensino superior. A ideia, não sem um outro propósito, foi que cada uma que estava na roda dissesse o nome e a sua origem, como as mulheres que ali estavam, ainda não nos conheciam e pareciam pouco desconfortável com a exposição, uma participante do GAVE foi a primeira a dizer seu nome, e em um momento bem leve, todas ali disseram seus nomes. Muitas tinham os nomes inspirados em parentes e personalidades, mas a religiosidade também era bastante presente, um breve momento de descontração já planejado para entrar em uma outra discussão, que envolvia também nomes, mas principalmente vínculos, que abraçamos ao longo da vida.

Pensar a origem do próprio nome foi idealizado como uma atividade para as mulheres, ao imaginarmos o como esse ponto de nossa Identidade mexe com o nosso imaginário, a capacidade de memória e a nossa constituição enquanto indivíduo, portanto, entendemos que seria uma boa maneira de mesclar os conceitos, novamente, Memória e Família. Ao formar essa roda, pensamos no vínculo familiar como um ponto positivo na constituição dos indivíduos, mas não pautamos que naquele contexto, diferente do nosso, estaríamos diante de uma outra realidade, a qual os vínculos familiares tomariam outras dimensões e formas, e portanto, os sentimentos que viriam à tona por abordar tal temática seriam diferentes do que se espera em um conceito idealizado e utópico de família.

A partir da discussão, foi idealizado assistir um curta e pensar uma árvore genealógica, de maneira a pensar sua construção familiar dos antepassados até o presente, o que trabalha ambos os conceitos; família e memória.

Exibimos portanto curta-metragem chamado “Vida Maria” para que a partir disso a discussão viesse de forma natural. “Vida Maria” é um curta metragem lançado em 23 de março de 2007, escrito e dirigido por Márcio Ramos, produzido por Joelma Ramos, com música de Herlon Robson e elenco de Márcio Ramos, o curta foi assistido em roda com a ideia de abrir para uma discussão em grupo ao término do mesmo. “Vida Maria” história de uma menina de cinco anos de idade que se diverte aprendendo a escrever o nome, mas é obrigada pela mãe a abandonar tal atividade e começar a cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça. o curta revela ainda as várias Marias que já passaram pela mesma situação, fazendo uma viagem no tempo e focando em um caderno

no qual várias meninas, Marias, ainda crianças queriam divertir-se escrevendo o próprio nome mas devido às condições vividas na roça sempre são obrigadas a parar de “desenhar letras”, ainda durante a exibição foi possível ver uma certa identificação das mulheres com a retratação que estava na tela, elas faziam diversos apontamentos além de comentar histórias de suas próprias vidas cotidianas que viam ali retratadas, aquele foi um momento ímpar para o trabalho Memória que havíamos planejado.

Ainda na exibição do curta as mulheres comentaram bastante sobre a passagem do tempo marcada pela sombra de uma árvore no quintal, e como é comum entender e utilizar o tempo da natureza e não necessariamente o cronológico nas condições mostradas pelo filme, onde o respeito aos ciclos da natureza se faz imprescindível para a própria sobrevivência e cultivos de subsistências. Esse apontamento comum entre as mulheres, se deve ao fato de que elas, majoritariamente, cresceram nessas mesmas condições ali retratadas, “Necessário se faz, então, contextualizarmos, no mínimo, no tempo e no espaço, em primeiro lugar, de onde estamos falando, e, em segundo lugar, de quem estamos falando”. (SIQUEIRA, 1997).

Foi proposto para o grupo de mulheres que, em roda, pudéssemos discutir o curta. Nesse momento percebemos como o material revelou a subjetividade de cada uma conversando com a Identidade do grupo, muitas se identificaram diretamente com a Maria ali projetada; quando crianças e adolescentes também tinham a função de trabalhar na roça, buscar água, cuidar da casa e eram proibidas de estudar. Ao relatarem essas memórias individuais isso toma contato com o coletivo e une-se às demais modelando a Memória do grupo. Um relato muito presente em diversas falas era o peso e a culpa que envolviam as relações amorosas, só mulher casada era mulher respeitada e como colocado na literatura, as mulheres pobres, como essas do grupo, eram ainda mais afetadas já que concorriam entre si por proteção matrimonial. (DEL PRIORE, 2013).

A imagem da Árvore e da sombra que a mesma gera, foi muito comentado, lembrando a possibilidade a contagem do tempo, e como a vida por vezes, gira em torno dessa natureza retratada. Tal memória deve-se ao local de crescimento dessas mulheres e suas idades. Por se tratarem de mulheres de meia idade para idosas é possível verificar uma história social bem desenvolvida, elas atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas, já viveram quadros distintos de referência familiar e cultural, portanto essas memórias são desenhadas sob lutas e a continuação do presente. (BOSI, 1994).



Legenda: GAVE e mulheres participantes do projeto assistindo ao documentário “*Vida Maria*”.

Em nosso planejamento, após o curta e discussão em roda, cada mulher teria de desenhar sua árvore genealógica, para identificar sua construção familiar partindo dos antepassados, para se entender em um contexto, ao chegarmos ao momento prático da Oficina, a construção da árvore genealógica, a proposta foi que as mulheres desenhasssem em folhas sulfite suas respectivas Árvores, sendo que essas deveriam conter todo histórico familiar que fossem capazes de se recordar antes delas, podendo colocar filhos e seus descendentes. Depois das instruções dadas, notamos que surgiram alguns comentários negativos acerca do conceito de família mais comum, entendendo família a partir da consanguinidade, ao notar parte das mulheres cabisbaixas, com falas entre elas, e só então entendendo o peso que a palavra família pode proporcionar, o GAVE se propôs a repensar a atividade.

Devido a esses fatos percebidos, repensamos a atividade na hora, foi pedido para que as mulheres pensassem na família, não no conceito hegemônico e patriarcal da mesma, tido como a “família tradicional brasileira”, mas sim o que seria família para elas, para cada uma em sua subjetividade, dando um novo sentido próprio para tal conceito. Pensamos então pontos como, o que ou quem gosta de mim, me acolhe e me faz bem. O conceito, partindo do pressuposto também que as mulheres não brancas, migrantes e periféricas já tem uma formação familiar diferente da elite branca de São Paulo. Família nessa ideia de modelo único e estático deve ser estudada, para que assim, deixe de ser um objeto a privilegiar mais um gênero do que o outro. DEVREUX (2009, p. 96 *apud*, HIRATA, et al, 2009).

Desse modo todas as mulheres se envolveram e verbalizaram estarem confortáveis com a atividade, trocaram experiências envoltas na mesa de artesanato e contavam piadas, espiavam as árvores ao redor para ter certeza que não haviam esquecido nenhum detalhe, as que não eram plenamente alfabetizadas pediam auxílio entre elas ou para nós, e nesses momentos o cuidado era para que as mulheres não alfabetizadas não se sentissem inferiores pelo não letramento.

Nesse pensamento, e local de acolhimento, descontração mas também reflexão foi realizada a oficina "*A Vida é um Livro*" onde cada mulher desenhou sua própria árvore, já não Árvore genealógica, que naquele contexto seria também uma forma de exclusão, mas sim, árvore da vida. A Árvore da vida foi encontrada como uma proposta mais viável para se trabalhar, já que o desenvolvimento se deu por meio de um desenho em uma folha sulfite de uma na qual as mulheres puderam escrever, tomando por metáfora as partes de uma árvore, tudo que as motiva, que anima. Uma, árvore particular a cada mulher, mas ainda assim fiel enquanto um grupo.

Nesse processo surgiram muitas vezes a palavra "Deus e Igreja" demonstrando o alto potencial de pertencimento que a fé e a religião desempenham na vida dessas mulheres, além da palavra CRAS e família, família aqui já com seu ressignificado, demonstrando o vínculo e o pertencimento que esses locais oferecem. E ao pé da árvore, por demanda própria, foi quisto apontarem coisas ruins que tiveram que passar, o adubo da força que carregam, aparecendo algumas vezes saudade, morte e falta de estudo, no sentido que viam-se no dever de cuidar de seus filhos e ao mesmo tempo trabalhar. Essas mulheres em sua maioria não puderam estudar e culpam essa instituição patriarcal de família por esse fato. Valorizada, temida ou inquietante a família sempre existiu (DEL PRIORE, 2013) e partindo desse ponto que se torna necessário trabalhar e ressignificar o sentido de família para essas mulheres, a família é o que dá ao indivíduo o sentido de pertencimento a um grupo. O desafio da atividade foi a demanda real desse grupo, não seria útil ou justo trabalhar o conceito hegemônico de família, mesmo que no mínimo ponto constituição da mesma, de forma que faça sentido para mulheres que já foram marginalizadas pela sociedade. A modernidade por si vem por descartar a função da família como era vista antigamente, mas para essas mulheres do grupo, essas em sua maioria não-brancas, beneficiadas pelo programa Bolsa Família, migrantes nordestinas, a família sempre foi não-convencional, como exemplo famílias compostas por avó e netos. Desde 1980 os casamentos entraram em declínio - família pós-familiar mas o ponto importante de se trabalhar essa mudança e atual modernidade é que apesar desse fato

alguns preconceitos resistem e talvez o maior deles seja o machismo, circunstância essa que rodeia o tempo todo nossa atividade. (DEL PRIORE, 2013).

É entendido, portanto, o machismo como um tipo de preconceito, segundo Heller (1985), esse conceito é compreendido dentro de uma perspectiva de esfera fundamental de pensamento e comportamento da vida cotidiana quando os indivíduos se alienam. O falso juízo de valor causa a ultra generalização que é um fenômeno inevitável na cotidianidade. Machismo esse sentido na pele cotidianamente por essas mulheres, que sempre foram julgadas à margem da sociedade e impedidas de praticar seus direitos enquanto cidadãs.

Tratando, portanto, do gênero como uma categoria relacional e sócio histórica, considera-se a construção da Identidade do sujeito como tendo um papel de constituinte e constituído no percurso, também partindo-se das relações do mesmo com o meio e ao partilhar experiências. (SIQUEIRA, 1997).

Caminhando junto a esse pensamento de família, como primeiro vínculo social, podendo ser fator de proteção ou de risco, mas que de todo modo é algo que temos recordações, já que lembramos muito de nossa instituição familiar, entra o conceito de Memória, que é a capacidade dos seres vivos de adquirir, armazenar e evocar informações. Não é algo simples, portanto fazemos a ligação com a memória que aqui foi trabalhado como parte da constituição, quase que indissociável, do indivíduo como ser, não só de ordem biológica como psíquica, entende-se que a memória “recolhe os incontáveis fenômenos de nossa existência em um todo unitário; não fosse força

unificadora da memória, nossa consciência se estilhaçaria em tantos fragmentos quantos os segundos já vividos”. (MOURÃO JUNIOR; FARIA; 2015).



Legenda: Mulheres reunidas no início da roda de conversa.

Como já abordado, a religião se faz muito presente, aparecendo tanto nos relatos como nos desenhos das árvores, entendendo que esse ponto pauta alguns hábitos por essa ideologia religiosa, vendo nesse fato pode-se ainda abordar a questão da honra familiar e a honra feminina, de acordo com Gouveia, et al (2013) a familiar se pauta em uma preocupação generalizada com a reputação individual de cada membro, constituindo a visão da família aos olhos dos outros. Ao passo que a honra feminina, diz respeito a agir de forma apropriada aos olhos da sociedade para não comprometer a honra da família. Conceitos muito presentes nos relatos das mulheres, que pautam seus hábitos e costumes também pelos preceitos religiosos.

Partindo desse princípio de apoio na religião e também culturalmente construído pelo lugar que cresceram, vemos a naturalização do machismo por meio da alienação. Segundo Heller, (1985) Alienação se trata de um conceito que ocorre um distanciamento entre a produção humano-genérica e a participação consciente dos sujeitos nessa mesma produção, sendo assim ao alienar-se o sujeito cria objetivações em si ao invés de realidades objetivas para si. Importante ponto ressaltado pela autora é que esse distanciamento, chamado também de abismo, é diferente ao se variar a época e as camadas sociais.

O que se torna mais impressionante nesse ponto é a forma como essas mulheres não se sentem confortáveis com essa cristalização social, visto que por vezes

relataram incômodo com o fato de por não serem homens, terem tido menos oportunidades que os mesmos. A maioria dessas mulheres tem a idade superior a 50 (cinquenta) anos e verbalizam que essas construções sociais que diminuem a mulher ou a colocam como submissa frente a um homem, precisam ser modificadas.

Com isso, “tendo como pressuposto que, mesmo nos Estados laicos, as simbologias religiosas desempenham um papel essencial para o estabelecimento de uma representação antropológica simétrica de mulheres e de homens” (UBIETA; HENRIQUES; TOLDY, 2018, p. 10), pode-se dizer que o machismo como estrutura social está enraizado nos indivíduos, assim como visto na roda de conversa e por esse motivo, é preciso pensá-lo e desconstruí-lo.

Unindo a isso e ao resultado da roda foi visto que como apontado na literatura, a lembrança é a sobrevivência do passado. (BOSI, 1994). É constatado ainda, de acordo com Devreux (2009, p. 96 *apud*, HIRATA, et al, 2009), a impossibilidade de se visualizar a verdadeira situação social das mulheres a partir de modelos tradicionais de análise de família, é preciso comparar homens e mulheres para entender a situação social da mulher. E só se consegue pensar em família a partir do trabalho da memória individual e coletiva.

Essa primeira atividade, sendo lida dessa maneira diferente do idealizado, representou para o GAVE a necessidade de alteração no projeto inicial, não mais como um livro de poesia escrita e proporcionou o entendimento da Poesia Feminista Visual, não escrita e por meio dos desenhos e artesanatos. O que despertou, tanto para nosso entendimento como para as mulheres do grupo uma visão da possibilidade de uma Economia Feminista.

Tal conceito da Economia Feminista é entendido como uma mudança na Economia tradicional que é precária e excludente para o feminino, é visto que as mulheres, mesmo que não trabalhando formalmente, sempre tiveram uma rotina extensa de trabalho doméstico, e ainda na problemática da lógica Capitalista, no qual o interessante para o Sistema é o indivíduo que produz Capital, a mulher se encontrava à margem da sociedade mais uma vez, mesmo que a exploração do seu trabalho doméstico fizesse a manutenção do capitalismo, como era, e ainda é, trabalho não pago aquelas atividades não são vistas como um trabalho de fato. Ainda trazendo tal debate para a lógica do CRAS, essas mulheres, algumas hoje por volta dos 70 (setenta) anos, trabalham dentro e fora de casa desde muito cedo, algumas por volta dos 5 (cinco) anos de idade, ou seja, essa questão do trabalho feminino extradomiciliar já existia para elas e somado com o de seus próprios lares.

A economia feminista questiona o paradigma dominante e sua abordagem androcêntrica e contribui para dar visibilidade ao aporte econômico das Economias feministas e agenda de luta das mulheres no meio rural 15 mulheres. Já a economia dominante não só desconsidera, invisibiliza a contribuição econômica das mulheres, como oculta e desconhece as elaborações teóricas das feministas. O mesmo ocorreu quando um autor homem incorporou em sua análise o feminismo. (SABBATO, et al, p.14, 2009).

Por meio das oficinas do GAVE, as mulheres puderam, portanto, pensar o artesanato, que muitas já faziam em suas casas como meio de descontração e/ou lazer, como uma possível forma de geração de renda, criando também a demanda para se aprender novas e diferentes técnicas de artesanato para a obtenção de renda, foi pensado junto a elas essas possibilidades e dando assim, uma autonomia de pensamento e de problemática política das causas que levaram, e ainda levam, à restrição da ação feminina no mercado de trabalho. A grande maioria delas não exerce trabalho formal e dão como motivo disso a falta de acesso ao mercado de trabalho, seja por preconceito de gênero, raça ou de faixa etária, e até mesmo o não acesso à educação formal, fator esse que já apontamos ser também uma questão de gênero. Elas enquanto grupo formado exclusivamente por mulheres entendiam e viviam cotidianamente a exclusão do mundo do trabalho e se viam obrigadas a exercer o trabalho informal, a ideia de utilizar o artesanato como meio de subsistência partiu como algo do imaginário coletivo, uma economia solidária, do gênero cooperativo, exaltando a identidade das mulheres enquanto grupo. (FERNANDEZ, 2018)

Resultados

Com a oficina e as discussões, os resultados obtidos foram muito além do material palpável em tecido e ponto cruz, o imaginário daquelas mulheres pôde finalmente ser liberto, expressado e ouvido, ali encontraram um lugar de acolhimento onde poderiam expressar suas angústias e serem amparadas.

Os debates foram além da parte teórica acadêmica, tendo em vista que seria uma linguagem repleta de termos que elas desconhecem, as rodas de conversas foram em linguagem coloquial e de forma quase horizontal, onde todas nós tínhamos voz, desde a orientadora, assistente social, alunas e mulheres usuárias do serviço, apenas o tema sendo proposto por nós, e a discussão foi pautada pelo caminho de debate que as próprias mulheres trilham, considerando quais os temas eram mais relevantes para elas.

Amparadas pelo artifício dos artesanatos, onde os questionamentos sobre os motivos de os trabalhos de casa serem exclusivos das mulheres, pautando a impossibilidade dos estudos, a violência sofrida, essas mulheres, agora como protagonistas de sua vida, pelo menos no grupo, ganhavam voz e ouvidos.

Vemos o resultado como superior ao esperado, as mulheres do CRAS Cidade Satélite Íris, agora podem vender seus produtos e discutir sobre assuntos que antes achavam não ser permitido ao universo feminino, mesmo que estes assuntos e discussões tão importantes ainda são tabus e motivo de desdém em diversos locais da sociedade, o melhor que se pode ver é o que fica internalizado nessas mulheres que participaram. Como material palpável foram produzidas as árvores para compor o material final do GAVE, dando nome ao primeiro capítulo, *A Vida é um Livro*.



Legenda: Páginas do primeiro capítulo do livro, fruto da oficina “A Vida é um Livro” já finalizado.

Considerações Finais

Com esse trabalho realizado com a parceria entre projeto de extensão e CRAS, ficou claro como por vezes não conseguimos nos enxergar ou enxergar o outro com suas particularidades. Entender as diferenças inicialmente de gênero, de raça e econômicas permite ao indivíduo compreender a própria subjetividade e o faz pensar a do outro. Entender que as diferenças vão muito além apenas do gênero, e por isso se faz necessário recortes mais específicos para se entender como a trajetória individual de cada uma é muito particular, e essas particularidades geram tabus, preconceitos e riscos que diferem de outras mulheres com trajetórias diferentes.

Os conceitos de Memória e de Família fazem parte dessa densa subjetividade que cada um leva consigo e são assuntos delicados e que requerem de nós sensibilidade, estudo e abertura para entender o contexto dessas mulheres, o lugar de fala e suas vivências, que diferem muito, ao menos nesse grupo específico, da vivência que nós enquanto universitárias temos. E essas diferenças são por vezes esquecidas, já que em suma, são todas mulheres.

A Oficina e seus vários recortes foi lida pelo grupo como de grande importância pensando em como é um tema muito presente nas relações sociais e ainda no pensamento da Economia Feminista e desconstrução de uma lógica patriarcal tão enraizada que aos poucos, nesses pequenos grupos de mulheres organizadas em prol de ajudarem umas às outras, vai se modificando. Lógica patriarcal essa que é reconhecida, debatida e vivida no cotidiano de cada mulher, e que. Consegue ver seus efeitos sobre sua própria vida.

E atrelando aos pensamentos iniciais de antes da Oficina acontecer, essas atividades aqui relatadas, realizadas no CRAS foram de extrema importância tanto para nós, como para as mulheres, foi possível repensar e reformular os vínculos familiares e o que realmente se faz importante ao decorrer das nossas vidas, quem nos faz bem, a quem nós fazemos bem, como muitas vezes um bom animal de estimação ganha mais espaço do que um pai tóxico na vida de uma mulher adulta, muitas coisas foram tomadas por novos significados.

Deixamos o seguinte questionamento: o que realmente queremos retratar nas nossas Árvores da Vida?

Referências

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade – Lembranças de velhos**. 3 ed. – São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e Conversas de Mulher**. 1 ed. - São Paulo: Planeta, 2013. 312 p.

Di Sabbato, Alberto; et al. Estatísticas Rurais e a Economia Feminista. Um olhar sobre o trabalho das mulheres. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/anexos/Livro_Estatisticas_Rurais_e_a_Economia_Feminista_0.pdf>

FERNANDEZ, Brena Paula Magno. **Economia feminista: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros**. Brazil. J. Polit. Econ., São Paulo , v. 38, n. 3, p. 559-583, Setembro de 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572018000300559&lng=en&nrm=iso>.

GOUVEIA, Valdiney V. et al. **Preocupação com a honra no Nordeste brasileiro: correlatos demográficos**. Psicol. Soc., Belo Horizonte , v. 25, n. 3, p. 581-591, 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000300012&lng=pt&nrm=iso>.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle. **Dicionário Crítico do Feminismo**. 2 ed. – São Paulo: UNESP, 2009. 342 p.

MOURAO JUNIOR, Carlos Alberto; FARIA, Nicole Costa. **Memória**. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre , v. 28, n. 4, p. 780-788, dez. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722015000400017&lng=pt&nrm=iso>.

SIQUEIRA, Maria Juracy Toneli. **A Constituição da Identidade Masculina: Alguns Pontos para Discussão**. Psicol. USP, São Paulo , v. 8, n. 1, p. 113-130, 1997 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000100007&lng=en&nrm=iso

UBIETA, Carmen Bernabé; HENRIQUES, Fernanda; TOLDY, Teresa. **A «ideologia de género» da Igreja Católica**. Ex aequo, Lisboa , n. 37, p. 9-17, junho. 2018 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602018000100002&lng=pt&nrm=iso>